

# Sobre o Desenvolvimento do Talento no Desporto: Um Contributo dos Modelos Teóricos do Desenvolvimento Desportivo

André Barreiros\*, Jean Côté\*\* e António Manuel Fonseca\*

## ATHLETE DEVELOPMENT MODELS

KEYWORDS: Sport, Talent, Skill, Athlete development, Theoretical models.

ABSTRACT: With this article, we aim to offer a conceptual synthesis of some of the most important developments in past decades on the subject of talent in sport, while also helping sports stakeholders, particularly managers and coaches, to recognize and apply these conclusions in their practices. The article starts with a brief historical review, which explores how there has been a shift from a talent detection perspective to a talent development perspective and to a holistic vision of athletes and their background context. Secondly, the article presents an overview of the main theoretical models put forward in literature on sport psychology, including career-transition-based models and talent-and-expertise-based models. Finally, as the conceptual model most widely referred to in literature, a detailed analysis of the Development Model of Sports Participation (Côté, Baker & Abernethy, 2007), is made, especially with regard to development processes relating to standards of practice (e.g. diversification and specialization) and psychosocial influences, aspects that form the basis of all-round athlete development.

O estudo dos indivíduos com desempenhos e realizações excepcionais tem sido um dos grandes temas da ciência ao longo da história, designadamente das ciências sociais em geral e da psicologia em particular (e.g., Bloom, 1985; Csikszentmihalyi, Rathunde & Whalen, 1993; Ericsson, Krampe & Tesch-Romer, 1993).

Similarmente, esta temática tem sido estudada no desporto, tendo as concepções sobre o que é necessário para se ser um atleta de alto nível mudado dramaticamente nas últimas décadas. Não obstante, importa reconhecer o significativo distanciamento entre os avanços da investigação e o que é realizado no contexto prático do treino desportivo, razão pela qual se procurou com este artigo apresentar uma síntese dos avanços realizados nas últimas décadas sobre o desenvolvimento do talento no desporto.

Para tal, selecionando termos como “desenvolvimento do talento”, “perícia”, “desenvolvimento do atleta” e “modelos”, procedeu-se a uma pesquisa nas principais bases de dados (e.g., ISI Web of Science, Scopus, EBSCO, SPORTDiscus), que permitisse analisar o que de mais importante foi publicado nas principais revistas das ciências sociais e do desporto, com particular enfoque na psicologia do desporto, e desenvolver uma revisão dos principais modelos teóricos propostos, visando a sua aplicação prática na concepção e orientação de programas de desenvolvimento desportivo.

## Da detecção ao desenvolvimento do talento

A discussão sobre a contribuição e influência dos constrangimentos genéticos e ambientais no desempenho humano tem ocupado um lugar central no âmbito do estudo da excelência (Davids & Baker, 2007), assistindo-se, ao longo dos tempos, à adopção de posições extremas e conclusões que geralmente favorecem uma ou outra daquelas perspectivas, em detrimento da interação entre elas (e.g., Ericsson, Roring & Nandagopal, 2007; Howe, Davidson\* & Sloboda, 1998).

Também no desporto estas concepções têm tido seguidores. Assim, durante um importante período, especialmente entre os anos 50 e 70 do século XX, a performance desportiva foi vista como produto da hereditariedade, com as preocupações dos que estudavam e dirigiam programas de treino a centrarem-se no que se convencionou chamar detecção do talento (Durand-Bush & Salmela, 2001); por definição, detecção do talento respeita à crença de que é possível detectar desde cedo indivíduos com atributos específicos associados a um determinado desporto (Williams & Reilly, 2000) e que esses atributos são inatos e preditores de sucesso futuro (Howe et al., 1998). Este paradigma, grandemente influenciado pelas teorias tradicionais do treino desportivo, foi particularmente popular nos países da Europa de leste que constituíram a detecção de talentos como etapa fundamental dos programas de desporto de elite (Lidor, Côté & Hackfort, 2009).

Correspondência: André Barreiros. Rua Plácido Costa, 91, 4200-450, Porto, Portugal. E-mail: [abarreiros@fade.up.pt](mailto:abarreiros@fade.up.pt)

\* CIFI2D, Laboratório de Psicologia do Desporto, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto.

\*\*School of Kinesiology and Health Studies, Queens' University.

Financiación: FCT (SFRH/BD/42150/2007)/POPH/QREN/Fundo Social Europeu.

— Artículo invitado con revisión

Todavia, apesar da adequação dessas ideias ao contexto cultural, educacional e político desses países (Lidor et al., 2009), a abordagem unidimensional adoptada, favorecendo exclusivamente as determinantes biológicas (Durand-Bush & Salmela, 2001), veio a revelar-se ineficaz, não permitindo prever com a precisão desejada os atletas que no futuro obteriam desempenhos de relevo.

Assim, o final do século XX testemunhou uma importante mudança de paradigma (Lidor et al., 2009) muito em decorrência das contribuições pioneiras de Bloom (1985) e Ericsson e colaboradores (1993). Efectivamente, entrevistando indivíduos excepcionais em vários domínios (música, escultura, matemática, ciências e desporto), a equipa de Bloom concluiu que o talento é fundamentalmente um processo de desenvolvimento que ocorre ao longo de três fases (i.e., anos iniciais, intermédios e finais), cada uma com importantes e distintas características. Mais do que negar a existência de eventuais influências genéticas, Bloom reivindicou um papel determinante para o contexto onde ocorre o desenvolvimento para explicar as diferenças inter-individuais no desempenho. Contudo, muito para além das conclusões da sua investigação, o contributo de Bloom perpetuou-se ao longo dos tempos e influenciou decisivamente a forma como passou a conceber-se o talento, nomeadamente por reclamar mais atenção para as variáveis de natureza contextual (e.g., prática/treino), social (e.g., influência de familiares professores/treinadores) e psicológica (e.g., motivação intrínseca).

Por outro lado, Ericsson e colaboradores (1993) defenderam a ideia de que a perícia é determinada pela prática, concretamente pela desenvolvida deliberadamente para melhorar a prestação. Na verdade, estudando as actividades diárias de músicos de diferentes níveis de desempenho (mundial, profissional e amador), concluíram que as horas acumuladas de prática foram responsáveis pelas suas diferenças de desempenho, razão porque propuseram o termo “prática deliberada” para definir qualquer actividade relevante realizada com o objetivo de melhorar o nível de desempenho, implicando assim elevados níveis de esforço físico e cognitivo.

Mais, Ericsson e colaboradores (1993) sugeriram que a perícia resulta de pelo menos 10 anos, ou aproximadamente 10 mil horas, de prática deliberada e não de atributos ou talentos inatos. Face ao impacto que esta investigação teve na comunidade científica, esta teoria foi rapidamente testada em vários domínios e em vários desportos, verificando-se consistentemente que os atletas de maior sucesso e nível de desempenho praticam significativamente mais horas que os demais (e.g., Baker, Côté & Abernethy, 2003; Baker, Côté & Deakin, 2006; Helsen, Starkes & Hodges, 1998; Law, Côté & Ericsson, 2007; Ward, Hodges, Starkes & Williams, 2007).

Ainda assim, importará ressaltar que, apesar da sua relevância, esta teoria recebeu igualmente importantes críticas. Por exemplo, o facto de recusar que variáveis de natureza genética influenciem o desenvolvimento da perícia, posição não partilhada por outras teorias do desenvolvimento humano (e.g., Brofennbrenner, 1979; Gagné, 2004; Simonton, 1999) ou outros especialistas deste domínio (ver *High Ability Studies* 18, 1). Para além disso, como argumentam alguns autores (e.g., Davids, 2000), mais do que a quantidade de prática e os anos de treino, o importante é a sua qualidade e as actividades específicas realizadas. Finalmente, considerando que se centra em mecanismos cognitivos, tem sido criticado que esta teoria não valorize significativamente aspectos de natureza afetiva, pessoal

e social, nem actividades de natureza mais lúdica e outros tipos implícitos de aprendizagem (Côté, Lidor & Hackfort, 2009).

Em todo o caso, é inegável que a compreensão do que são prestações de alto nível, em particular no desporto, tem avançado significativamente ao longo dos anos. Assim, apesar do debate sobre a contribuição da genética e do contexto não estar totalmente resolvido, os autores concordam actualmente que o desenvolvimento do talento no desporto começa na infância e resulta de um investimento a longo prazo. Neste sentido, têm surgido vários modelos de desenvolvimento dos atletas sugerindo o tipo de investimento e as variáveis que estão na origem do desenvolvimento do talento e da excelência no desporto, que analisaremos em seguida.

## Modelos teóricos do desenvolvimento desportivo

Da análise da literatura decorre que os modelos teóricos do desenvolvimento desportivo se têm baseado em duas categorias principais: transições da carreira desportiva; e talento/perícia (Bruner, Erickson, Wilson & Côté, 2010).

Os primeiros foram sobretudo inspirados pelo trabalho de Schlossberg (1981) no âmbito do aconselhamento psicológico e pela sua definição de transição como um acontecimento que resulta numa mudança na forma como o indivíduo se vê a si e ao mundo, e nesse sentido implica uma mudança no seu comportamento e nas suas relações. Desde então, este enquadramento tem fornecido suporte para a investigação sobre as transições na carreira desportiva, consideradas como fases de mudança normativas ou não normativas que ocorrem durante a carreira do atleta (Alfermann & Stambulova, 2007), sendo as primeiras (e.g., especialização, transição de júnior para sénior) tipicamente mais previsíveis dos que as segundas (e.g., lesões, mudanças de clube/treinador).

Alicerçados nesta perspectiva teórica surgiram fundamentalmente dois modelos na literatura. O primeiro, conhecido como o modelo analítico da carreira atlética (Stambulova, 1994), propõe um processo baseado em seis transições: 1) início da especialização desportiva, 2) transição para a formação mais intensa num desporto, 3) transição de júnior para sénior/realização no alto rendimento, 4) transição de amador para profissional, 5) transição do auge da carreira para a fase final, 6) final da carreira. Considerando as transições na carreira como um processo, este modelo destaca como aspecto central o confronto dos atletas relativamente às exigências específicas de cada transição. Assim, um confronto eficaz ou ineficaz implica necessariamente a vivência de transições bem-sucedidas ou de crise, tendo os atletas, neste último caso, de lidar com as consequências e os custos do fracasso do seu confronto (e.g., abandono).

O segundo modelo, proposto por Wylleman & Lavallee (2004), não se centra apenas em transições relacionadas com o desporto, pois defende uma abordagem multidimensional e holística do indivíduo, integrando factores que estão para além da sua interação com o contexto desportivo e considerando, por isso, as exigências e as influências a que o indivíduo está sujeito fora do desporto. Assim, Wylleman & Lavallee (2004) enfatizam quatro transições desportivas, a par de outras que ocorrem noutros contextos de desenvolvimento, designadamente as transições e exigências relacionadas com: a) o desenvolvimento que ocorre da infância, até a idade adulta, passando pela adolescência (nível psicológico); b) as mudanças nas relações e o suporte de outros significativos, como pais, irmãos, treinadores e colegas (nível

psicossocial); e c) a progressão dos atletas do ponto de vista educacional ou profissional (nível académico-profissional).

Relativamente aos modelos baseados no talento/perícia, será de realçar a influência recebida pela psicologia cognitiva, particularmente pelos trabalhos de Simon & Chase (1973), Bronfenbrenner (1979), Bloom (1985), Gagné (2004) e Ericsson et al. (1993). Neste sentido, estes modelos tendem a incluir a prática deliberada como um elemento fundamental do processo de aquisição de um nível de desempenho de elite, bem como outros elementos cruciais como o jogo deliberado, a diversificação desportiva, as influências psicossociais (famílias, treinadores e colegas) e outros factores de influência (e.g. sistema e cultura desportivos).

Como principais autores destes modelos, destacam-se Côté (1999; Côté et al., 2007), Durand-Bush & Salmela (2002), Abbott & Collins (2004), Bailey & Morley (2006), Morgan & Giacobbi (2006) e, mais recentemente, Henriksen, Stambulova & Roessler (2010). Todavia, a partir da análise das suas propostas é possível verificar que o Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva (MDPD; Côté, 1999) é o mais proeminente na literatura, servindo ainda de base a outros modelos (Bruner et al., 2010), razão pela qual, ao invés de aprofundarmos cada modelo, até porque partilham de algumas sobreposições, optámos por proceder a uma revisão mais detalhada deste modelo.

## Um olhar sobre o Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva

O MPDP derivou da investigação de Côté (1999) sobre a influência da família no desenvolvimento do talento prosseguindo essencialmente na linha dos trabalhos de Bloom (1985) e Ericsson et al. (1993). Porém, contrariamente ao quadro conceptual da prática deliberada, no MPDP aspectos como prazer, divertimento e motivação são integrados numa perspectiva que concebe o desenvolvimento desportivo ao longo de três fases: (a) anos de diversificação, (b) anos de especialização e (c) anos de investimento. Durante estas fases, o modelo destaca como os atletas se desenvolvem através de padrões específicos de treino e como são profundamente influenciados por outros significativos.

O desenvolvimento do MPDP processou-se ao longo dos últimos dez anos em quatro etapas. A primeira envolveu a concepção de um enquadramento conceptual original sobre o desenvolvimento desportivo, baseado em entrevistas com atletas, pais e treinadores (Côté, 1999), que estava em linha com resultados de outros estudos qualitativos (e.g., Bloom, 1985, Carlson, 1988) e integrava proposições explícitas do desenvolvimento desportivo passíveis de operacionalização e verificação empírica. Numa segunda etapa, foi desenvolvida uma metodologia retrospectiva quantitativa (Côté, Ericsson & Law, 2005) para testar os principais pressupostos do modelo, a qual possibilitou a realização de vários estudos com peritos e não peritos (e.g., Baker, et al., 2003; Baker, Côté & Abernethy, 2005) que permitiram refinar o modelo, particularmente as diferentes trajetórias (i.e., diversificação ou especialização) e resultados relacionados com a prestação desportiva (e.g., perícia). Posteriormente, esta metodologia quantitativa foi adaptada e utilizada para testar o modelo relativamente a outros resultados relacionados com o envolvimento desportivo (e.g., desenvolvimento pessoal, abandono; Fraser-Thomas, Côté & Deakin, 2008a; Strachan, Côté & Deakin, 2009; Wall & Côté, 2007). Esta abordagem holística foi ainda utilizada em novos

estudos qualitativos com atletas de diferentes níveis de desempenho (Strachan, Côté & Deakin, 2011). Finalmente, uma quarta etapa envolveu o refinamento do modelo através do desenvolvimento de trabalhos teóricos (Côté et al., 2007; Fraser-Thomas, Côté & Deakin, 2005) e da elaboração de sete postulados que defendem a importância da diversificação no âmbito do desenvolvimento desportivo (Côté et al., 2009).

Efectivamente, embora admita outras trajetórias, o MDPD, em decorrência dos resultados do estudo original, revelador de que as crianças normalmente iniciam a participação desportiva entre os 6 e os 12 anos de idade, muito apoiadas pelos pais, que lhes oferecem várias oportunidades de diversão através do desporto e outras actividades extracurriculares promotoras do seu desenvolvimento, defende que a primeira etapa de participação desportiva se deve caracterizar pela prática de diferentes desportos (i.e. diversificação). Côté referiu ainda que durante esta etapa a participação das crianças em actividades lúdico-desportivas faz-se naturalmente, procurando o prazer na sua realização. Estes resultados estiveram na base do que seria denominado por jogo deliberado (Côté, 1999; Côté & Hay, 2002), conceito central do MDPD, que caracteriza a natureza voluntária da participação em jogos informais e adaptados com regras flexíveis, muitas vezes monitorizados apenas pelas próprias crianças, permitindo-lhes jogar sem grandes requisitos, em qualquer espaço e com número variável de jogadores, idades ou tamanhos (Côté et al., 2009).

Nesta trajetória pautada pela diversificação, a etapa inicial é seguida inevitavelmente por uma etapa de especialização (13-15 anos) caracterizada por uma diminuição no número de actividades extracurriculares e desportivas e pelo compromisso com um desporto específico. Muitas vezes, esta opção de especialização é influenciada por incidentes críticos que ocorrem no desenvolvimento dos atletas, tais como experiências positivas com os treinadores, sucesso e prazer (Côté et al., 2007). Nesta fase, o tempo dedicado à prática deliberada aumenta, diminuindo as oportunidades para realizar actividades lúdicas, embora exista um certo equilíbrio entre os tempos dedicados a actividades estruturadas e não estruturadas.

Finalmente, na etapa de investimento (aproximadamente 16 anos), os atletas estão comprometidos em alcançar um nível de elite no seu desporto de especialização, constituindo-se as características estratégicas, competitivas e o desenvolvimento das habilidades específicas como as suas componentes mais importantes (Côté, 1999). Espera-se que nesta fase os atletas realizem grandes quantidades de prática deliberada, reduzindo drasticamente as actividades lúdicas e consigam, muitos deles, atingir níveis de desempenho de elite entre finais da adolescência e início da sua idade adulta.

A convicção de que a diversificação é uma trajetória compatível com um desempenho de elite tem sido suportada por vários estudos em múltiplos desportos e culturas: por exemplo, no hóquei em campo, basquetebol (Baker et al., 2003), ténis (Carlson, 1988; Côté, 1999; Bloom, 1985), triatlo (Baker et al., 2006), remo (Côté, 1999) e voleibol (Leite, Baker & Sampaio, 2009). Ainda assim, o MDPD contempla igualmente a possibilidade de se atingirem elevados níveis de desempenho através de uma especialização precoce num único desporto, o que de resto tem vindo a ser promovido por um desporto de competição que, cada vez mais profissionalizado e condicionado por grandes interesses económicos, se tem tornado mais elitista e enfatizado a seleção e especialização dos jovens em idades cada

vez mais baixas (Côté & Hay, 2002), independentemente das eventuais vantagens e desvantagens decorrentes da sua exposição a esses padrões de treino (e.g., Baker, Cobleby & Fraser-Thomas, 2009; Malina, 2010; Wiersma, 2000).

No que concerne à perícia, a defesa da especialização desde uma etapa inicial converge com a teoria da prática deliberada previamente analisada, propondo que quanto mais cedo se verificar a introdução num contexto específico, bem como a idade de início da prática deliberada, mais potenciado será o nível de desempenho (Ericsson et al., 1993). Defendendo que no desporto um início precoce é determinante para atingir a perícia, pois os que começarem mais tarde não conseguirão superar o desempenho desportivo dos que começaram antes, esta opção implica naturalmente a realização de grandes quantidades de prática deliberada num único desporto, colidindo com a oportunidade de realizar outros desportos ou atividades menos estruturadas (i.e., jogo deliberado).

Apesar de alguns estudos terem demonstrado o sucesso deste tipo de trajetória para atingir a perícia no desporto – e.g., a especialização parece predizer o desempenho na ginástica (Law et al., 2007) e na patinagem artística (Starkes, Deakin, Allard, Hodges & Hayes, 1996) – esta opção tem sido fortemente criticada. Em primeiro lugar, porque estudos realizados noutros desportos (Baker et al., 2003; Côté et al., 2007) mostraram que a perícia pode ser alcançada com muito menos do que 10.000 horas (ou 10 anos) de prática deliberada. Segundo, porque o treino altamente estruturado e a seleção precoce colidem frequentemente com as motivações das crianças, pois, sendo a melhoria de desempenho o principal objectivo da prática deliberada, há mais tendência a orientá-las para razões externas (e.g., ganhar) e envolvê-las em climas demasiado orientados para a comparação social (Côté et al., 2009). Terceiro, porque uma exposição precoce a um contexto muito estruturado e especializado parece relacionar-se com o abandono e "burnout" (Fraser-Thomas et al., 2008a; Gould, Tuffey, Udry & Loehr, 1996; Wall & Côté, 2007) e, independentemente de poder contribuir para performances de excelência, associa-se a uma maior prevalência de esgotamento físico e emocional (Strachan et al., 2009) e de lesões (Law et al., 2007), limitando a duração das carreiras dos atletas. Por exemplo, Barynina e Vaitsekhovskii (1992) descobriram que nadadores que se iniciaram mais cedo neste tipo de treino (9-10 anos), competiram menos tempo nas seleções nacionais e terminaram as carreiras mais cedo do que nadadores com uma especialização posterior (12-13 anos).

Também importantes no MPDP são as influências que ocorrem ao longo do desenvolvimento desportivo. Por exemplo,

a importância assumida por família (pais e irmãos), treinadores e colegas em todas as fases da carreira de um atleta tem sido reconhecida e amplamente estudada nos últimos anos (e.g., Fraser-Thomas, Côté & Deakin, 2008b; Gould, Dieffenbach & Moffett 2002; Patrick, et al., 1999), sabendo-se que a sua influência muda substancialmente desde a infância até a idade adulta (Côté & Hay, 2002). Nesse sentido, recentemente, Côté, Strachan & Fraser-Thomas (2008), reconhecendo a potencial utilidade dos conceitos da teoria do desenvolvimento de Bronfenbrenner (1979) para melhor compreender o papel das influências sociais ao longo das distintas etapas de desenvolvimento desportivo, decidiram integrar os conceitos de ambos os modelos.

Em suma, independentemente do MPDP não ser imune a críticas (e.g., Bailey et al., 2010; Ford, Ward, Hodges & Williams, 2009), nomeadamente ao nível da dicotomia diversificação-especialização do desenvolvimento desportivo, destaca-se a sua elevada contribuição para compreender o fenómeno do talento desportivo, particularmente na interação entre atleta, tarefa e contexto, suportando a noção de que o sucesso no desporto é um processo complexo, longo e não linear e revelando-se útil para orientar o desenvolvimento de programas desportivos.

## Conclusão

Nas últimas décadas, registaram-se avanços significativos no conhecimento e compreensão do que contribui para o desenvolvimento do talento e da perícia no desporto, privilegiando-se actualmente uma perspectiva holística defensora da interação entre múltiplos fatores (Phillips, Davids, Renshaw & Portus, 2010). Neste sentido, vários modelos de desenvolvimento do atleta têm sido propostos e fornecido importantes orientações para obter uma melhor compreensão deste processo complexo e delinear atividades e contextos que melhor promovam a excelência. Entre eles, destaca-se o MPDP como instrumento de particular valor para otimizar a interação entre os padrões de treino e as influências psicossociais, bem como para promover um desenvolvimento positivo dos atletas (Fraser-Thomas et al., 2005), não devendo ainda assim esse reconhecimento autorizar o esquecimento das contribuições que outros modelos podem fornecer neste domínio. Além disso, membros de organizações desportivas de diferentes níveis (federações, associações, clubes locais), particularmente os dirigentes e os treinadores, devem reconhecer as vantagens que estes modelos podem providenciar, pelo que devem procurar aplicar os seus princípios nos contextos práticos que desenvolvem.

### MODELOS TEÓRICOS DO DESENVOLVIMENTO DESPORTIVO

**PALAVRAS-CHAVE:** Desporto, Talento, Perícia, Desenvolvimento do atleta, Modelos teóricos.

**RESUMO:** Com este artigo, pretende-se, em termos globais, sintetizar conceptualmente alguns dos mais importantes avanços das últimas décadas no âmbito da temática do talento no desporto, mas também contribuir para que os diferentes agentes desportivos, particularmente dirigentes e treinadores, os possam reconhecer e aplicar nos seus quotidianos. Nesse sentido, apresenta-se inicialmente uma breve evolução histórica que procura explorar como se passou de uma perspectiva assente na crença da detecção de traços inatos que pudessem predizer o sucesso desportivo, para uma perspectiva de desenvolvimento do talento e para uma visão holística do atleta e do contexto onde este se desenvolve. Em seguida, é desenvolvida uma retrospectiva sobre diversos modelos teóricos que têm sido avançados no âmbito da psicologia do desporto, nomeadamente os baseados nas transições da carreira e os baseados no desenvolvimento do talento e da perícia. Finalmente, enquanto modelo mais referenciado na literatura, é realizada uma análise mais detalhada ao Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva (Côté, Baker & Abernethy, 2007), designadamente no que concerne aos processos de desenvolvimento relativos aos padrões de treino (e.g., diversificação e especialização) e às influências psicossociais, aspectos que estão na base de todo o desenvolvimento do atleta.

MODELOS TEÓRICOS DE DESARROLLO DEPORTIVO

PALABRAS CLAVE: Deporte, Talentos, Pericia, Desarrollo del atleta, Modelos teóricos.

RESUMEN: Con este artículo, se pretende, globalmente, sintetizar algunos de los avances más importantes de las últimas décadas sobre el tema del talento en deporte, pero también contribuir para que los diferentes agentes deportivos, particularmente dirigentes y entrenadores, los pueden reconocer y aplicar en sus prácticas. Así, inicialmente se presenta una breve evolución histórica que procura explorar como si ha pasado de una perspectiva basado en la idea de la detección de rasgos innatos que podrían predecir el éxito deportivo, para una perspectiva de desarrollo del talento y para un marco holístico de lo atleta y de su contexto. En seguida, lo artículo presenta una retrospectiva sobre varios modelos teóricos que han sido avanzados en lo ámbito de la psicología del deporte, a saber, modelos basados en las transiciones de la carrera y los basados en lo desarrollo del talento y de la pericia. Finalmente en cuanto modelo conceptual más referenciado en la literatura, se hace una análisis con detalle del Modelo de Desarrollo de la Participación Deportiva (Côté, Baker y Abernethy, 2007), en particular con respecto a los procesos de desarrollo relativos a las normas de entrenamiento (e.g., diversificación y especialización) y las influencias psicosociales, aspectos que están en la base de todo el desarrollo del atleta.

## Referências

- Abbott, A. & Collins, D. (2004). Eliminating the dichotomy between theory and practice in talent identification and development: considering the role of psychology. *Journal of Sport Sciences*, 22, 395-408.
- Alfermann, D. & Stambulova, N. (2007). Career transitions and career termination. In G. Tenenbaum & R. Eklund (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (pp.712-733). New York: John Wiley.
- Bailey, R. & Morley, D. (2006). Towards a model of talent development in physical education. *Sport, Education and Society*, 11, 211-230.
- Bailey, R., Collins, D., Ford, P., MacNamara, A., Toms, M. & Pearce, G. (2010). *Participant development in sport: an academic review*. Sports Coach UK: The National Coach Foundation.
- Baker, J., Cobley, S. & Fraser-Thomas, J. (2009). What do we know about early sport specialization? Not Much! *High Ability Studies*, 20, 77-89.
- Baker, J., Côté, J. & Abernethy, B. (2003). Learning from the experts: practice activities of expert decision makers in sport. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 74, 342-347.
- Baker, J., Côté, J. & Abernethy, B. (2005). Sport-specific practice and the development of expert-decision-making in team ball sports. *Journal of Applied Sport Psychology*, 15, 12-25.
- Baker, J., Côté, J. & Deakin, J. (2006). Patterns of early involvement in expert and nonexpert master triathletes. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 77, 401-407.
- Barynina, I. & Vaitsekhovskii, S. (1992). The aftermath of early sports specialization for highly qualified swimmers. *Fitness and Sports Review International*, 27(4), 132-133.
- Bloom, B. S. (Ed.). (1985). *Developing talent in young people*. NY: Ballantine Books.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bruner, M., Erickson, K., Wilson, B. & Côté, J. (2010). An appraisal of athlete development models through citation network analysis. *Psychology of Sport and Exercise*, 11, 133-139.
- Carlson, R. (1988). The socialization of elite tennis players in Sweden: an analysis of the players backgrounds and development. *Sociology of Sport Journal*, 5, 241-256.
- Côté, J. (1999). The influence of the family in talent development. *The Sport Psychologist*, 13, 395-417.
- Côté, J., Baker, J. & Abernethy, B. (2007). Practice and play in the development of sport expertise. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (3ed., pp. 184-202). New York: John Wiley & Sons.
- Côté, J. & Hay, J. (2002). Children's involvement in sport: a developmental perspective. In J. Silva & D. Stevens (Eds.), *Psychological Foundations of Sport* (pp. 484-502). Boston, MA: Benjamin Cummings.
- Côté, J., Lidor, R. & Hackfort, D. (2009). ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 9, 7-17.
- Côté, J., Strachan, L. & Fraser-Thomas, J. (2008). Participation, personal development and performance through sport. In N. Holt (Ed). *Positive youth development through sport* (pp. 34-45). London: Routledge.
- Csikszentmihalyi, M., Rathunde, K. & Whalen, S. (1993). *Talented teenagers - the roots of success and failure*. New York: Cambridge University Press.
- Davids, K. (2000). Skill acquisition and the theory of deliberate practice: it ain't what you do it's the way that you do it! *International Journal of Sport Psychology*, 31, 461-466.
- Davids, K. & Baker, J. (2007). Genes, environment and sport performance. Why the nature-nurture dualism is no longer relevant. *Sports Medicine*, 37, 961-980.
- Durand-Bush, N. & Salmela, J. (2001). The development of talent in sport. In R. N. Singer, H. A. Hausenblas & C. M. Janelle (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (pp.269-289). New York: John Wiley.
- Durand-Bush, N. & Salmela, J. (2002). The development and maintenance of expert athletic performance: perceptions of World and Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, 154-171.
- Ericsson, K. A., Krampe, R. T. & Tesch-Romer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, 100, 363-406.
- Ericsson, K. A., Roring, R. W. & Nandagopal, K. (2007). Misunderstandings, agreements, and disagreements: Toward a cumulative science of reproducibly superior aspects of giftedness. *High Ability Studies*, 18, 97-115.

- Ford, P., Ward, P., Hodges, N. & Williams, A. (2009). The role of deliberate practice and play in career progression in sport: the early engagement hypothesis. *High Ability Studies*, 20, 65-75.
- Fraser-Thomas, J., Côté, J. & Deakin, J. (2005). Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 10, 19-40.
- Fraser-Thomas, J., Côté, J. & Deakin, J. (2008a). Examining adolescent sport dropout and prolonged engagement from a developmental perspective. *Journal of Applied Sport Psychology*, 20, 318-333.
- Fraser-Thomas, J., Côté, J. & Deakin, J. (2008b). Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 9, 645-662.
- Gagné, F. (2004). Transforming gifts into talents: The DMGT as a developmental theory. *High Ability Studies*, 15, 119-147.
- Gould, D., Dieffenbach, K. & Moffett, A. (2002). Psychological characteristics and their development in Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, 172-204.
- Gould, D., Tuffey, S., Udry, E. & Loehr, J. (1996). Burnout in competitive junior tennis players: II. qualitative analysis. *The Sport Psychologist*, 10, 341-366.
- Helsen, W. F., Starkes, J. L. & Hodges, N. J. (1998). Team sports and the theory of deliberate practice. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 20, 12-34.
- Henriksen, K., Stambulova, N. & Roessler, K. (2010). Holistic approach to athletic talent development environments: a successful sailing milieu. *Psychology of Sport and Exercise*, 11, 212-222.
- Howe, M. J., Davidson, J. W. & Sloboda, J. A. (1998). Innate talents: myth or reality? *Behavioral and Brain Science*, 21, 339-407.
- Law, M., Côté, J. & Ericsson, K. A. (2007). Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: a retrospective study. *International Journal of Sport Psychology*, 5, 82-103.
- Leite, N., Baker, J. & Sampaio, J. (2009). Paths to expertise in Portuguese national team athletes. *Journal of Sports Science and Medicine*, 8, 560-566.
- Lidor, R., Côté, J. & Hackfort, D. (2009). ISSP position stand: to test or not to test? The use of physical skill tests in talent detection and in early phases of sport development. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 7, 131-146.
- Malina, R. M. (2010). Early sport specialization: roots, effectiveness, risks. *Current Sports Medicine Reports*, 9, 364-371.
- Morgan, T. & Giacobbi, P. (2006). Toward two grounded theories of the talent development and social support process of highly successful collegiate athletes. *The Sport Psychologist*, 20, 295-313.
- Patrick, H., Ryan, A. M., Alfeld-Liro, C., Fredricks, J. A., Huda, L. Z. & Eccles, J. S. (1999). Adolescents' commitment to developing talent: the role of peers in continuing motivation for sports and the arts. *Journal of Youth Adolescence*, 28, 741-763.
- Phillips, E., Davids, K., Renshaw, I. & Portus, M. (2010). Expert performance in sport and the dynamics of talent development. *Sports Medicine*, 40, 271-83.
- Schlossberg, N. K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. *The Counseling Psychologist*, 9, 2-18.
- Simon, H. A. & Chase, W. G. (1973). Skill in chess. *American Scientist*, 61, 394-403.
- Simonton, D. K. (1999). Talent and its development: an epigenetic and emergent model. *Psychological Review*, 106, 435-457.
- Stambulova, N. (1994). Developmental sports career investigations in Russia: a post-perestroika analysis. *The Sport Psychologist*, 8, 221-237.
- Starkes, J., Deakin, J., Allard, F., Hodges, N. & Hayes, A. (1996). Deliberate practice in sports: What is it anyway? In K. A. Ericsson (Ed.), *The road to excellence: the acquisition of expert performance in the arts, and sciences, sports, and games* (pp. 81-106). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Strachan, L., Côté, J. & Deakin, J. (2009). "Specializers" versus "samplers" in youth sport: comparing experiences and outcomes. *The Sport Psychologist*, 23, 77-92.
- Strachan, L., Côté, J. & Deakin, J. (2011). A new view: exploring positive youth development in elite sport contexts. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 3, 9-32.
- Wall, M. & Côté, J. (2007). Developmental activities that lead to drop out and investment in sport. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 12, 77-87.
- Ward, P., Hodges, N., Starkes, J. & Williams, A. M. (2007). The road to excellence: deliberate practice and the development of expertise. *High Ability Studies*, 18, 119-153.
- Wiersma, L. (2000). Risks and benefits of youth sport specialization: perspectives and recommendations. *Pediatric Exercise Science*, 12, 13-22.
- Williams, A. M. & Reilly, T. (2000). Talent identification and development in soccer. *Journal of Sport Sciences*, 18, 737-750.
- Wylleman, P. & Lavallee, D. (2004). A developmental perspective on transitions faced by athletes. M. Weiss (Ed.), *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective* (pp. 507-527). Morgantown, WV: FIT.